

rede

NOVOS PAÍSES SE SOMAM À US-LA CRN, QUE APRESENTA OS AVANÇOS NA INVESTIGAÇÃO SOBRE CÂNCER DE MAMA LOCALMENTE AVANÇADO

Força nova à pesquisa



Bastaram três anos de formalização da Rede de Investigação de Câncer Estados Unidos-América Latina (US-LA CRN, na sigla em inglês), composta inicialmente por um total de seis países, para que mais três integrantes se somassem à iniciativa: Colômbia, Peru e Porto Rico. O anúncio da chegada dos novos membros foi feito durante o quarto encontro anual da rede, em novembro, em Buenos Aires, quando tam-

bém foram apresentados os primeiros resultados da pesquisa que visa a identificar o perfil molecular dos subtipos de câncer de mama localmente avançado, uma investigação que vem sendo desenvolvida desde o ano passado.

De acordo com o coordenador da rede, Jorge Gómez, os três novos países poderão se integrar a essa pesquisa, dependendo do orçamento do proje-

“Um dos benefícios que o estudo já trouxe, mesmo para as pacientes não incluídas, foi a melhoria no fluxo de atenção”

MARISA BREITENBACH, coordenadora de pesquisa do INCA, instituto que coordena o grupo brasileiro

to. Além disso, também poderão fazer parte das novas investigações que estão sendo planejadas pelo grupo: sobre câncer colorretal e de estômago, cujos pré-projetos começam a ser traçados já no próximo ano.

Os países que já integravam a rede – EUA, Argentina, Brasil, Chile, México e Uruguai – apresentaram seus avanços no desenvolvimento da pesquisa sobre câncer de mama localmente avançado, principalmente em relação ao número de mulheres incluídas até agora no estudo e o perfil detalhado das participantes quanto a idade, escolaridade, idade da primeira gravidez, número total de gestações, idade da menopausa, peso, tipo de tratamento para a doença a que já foram submetidas, histórico familiar da doença, uso de anticoncepcional hormonal, tabagismo, consumo de álcool, prática de exercícios físicos, entre outras variáveis epidemiológicas.

Na Argentina, por exemplo, três hospitais participam da pesquisa, que envolve 55 pesquisadores. Até 15 de agosto (data de corte para fechamento do relatório que seria apresentado na reunião) foram admitidas 115 pacientes. Um dos hospitais iniciou a captação de pacientes há 17 meses, e os outros dois há 15 e 14 meses. A expectativa do grupo é chegar a 660 mulheres até o final de 2013.

No Brasil, INCA, Instituto de Câncer do Estado de São Paulo, Hospital de Câncer de Barretos e Hospital A.C. Camargo são os centros de pesquisa participantes, totalizando 52 pesquisadores. O total de pacientes matriculadas por INCA e Barretos, de novembro de 2011 a agosto era 129. A meta das duas instituições é finalizar o estudo com 450 pacientes.

“Tivemos vários desafios antes de iniciar de fato o projeto. Primeiro, conseguir padronizar as metodologias de avaliação para que todos as instituições trabalhassem seguindo um mesmo processo. Depois enfrentamos dificuldades para importar reagentes. Um dos benefícios que o estudo já trouxe, mesmo para as pacientes não incluídas, foi a melhoria no fluxo de atenção”, disse a coordenadora de Pesquisa do INCA, instituto que coordena o grupo brasileiro, Marisa Breitenbach.

Desde a formação da rede, foram dois anos desenhando o estudo, que pretende identificar o perfil molecular dos tumores malignos de mama localmente avançado, com seus principais subtipos, aqueles que têm receptores hormonais para progesterona ou estrogênio ou os que são HER-2 positivo (possuem o receptor HER-2, sigla para fator de crescimento epidérmico humano), ou aqueles que são triplo negativos (não dispõem de receptor para progesterona, estrogênio ou para HER-2) e são os mais difíceis de tratar. Para esse tipo, até agora, a única forma de tratamento é a cirurgia e a quimioterapia convencional. Esse tipo de câncer tem crescimento rápido e, frequentemente, provoca metástase. Além de traçar o perfil molecular desses tipos específicos de câncer de mama, a rede pretende fazer o seguimento das pacientes, para estabelecer a sobrevida.

O projeto-piloto tem abordagem multidisciplinar e envolve seis subáreas do conhecimento: oncologia clínica/mastologia, patologia, epidemiologia, molecular/bioinformática, tecnologia da informação e bioética.

O interesse dos Estados Unidos, por intermédio do National Cancer Institute de criar a rede, foi devido ao crescimento da população latina no país. A estimativa é que em 2020 eles já sejam 19% da população norte-americana, ou 60 milhões. ■

ENTENDA A REDE

O acordo de cooperação foi assinado em setembro de 2009 entre o National Cancer Institute (NCI) dos EUA e os governos de Brasil, Argentina, Chile, México e Uruguai.

A parceria visa a apoiar o desenvolvimento conjunto de programas em três áreas científicas: pesquisa sobre o câncer e ensaios clínicos; programas de treinamento multinacionais e multidisciplinares; e capacitação e desenvolvimento de tecnologia.

Desde então foram realizadas oficinas centradas em cada uma das subáreas. A primeira, de Patologia e Epidemiologia, ocorreu em março de 2010, no Rio de Janeiro, e teve como objetivo uniformizar critérios de classificação e práticas com vistas ao diagnóstico padronizado dos subtipos do tumor de mama. Uma segunda oficina, no Uruguai, no mesmo ano, promoveu a capacitação em Biobancos e em Perfil Molecular. No encontro, foram apresentados os bancos de tumores e a infraestrutura correspondente de cada país. A terceira oficina foi realizada no Rio de Janeiro em 2012 para finalizar o questionário epidemiológico.